

Olhando pelo telescópio: potencialidades das expedições

O olhar se educa, o gosto se forma.

Ana Cláudia de Oliveira

A importância do legado pictórico de Eckhout, por si só, já é motivo para iniciar a viagem. Como professores/pesquisadores, já nos mobilizamos para os preparativos iniciais. Como deflagrar uma viagem com nossos alunos, onde o ensinar e o aprender se coloquem como metas?

Agendar uma visita à exposição, realizando com alunos algumas leituras prévias das obras e, no retorno à sala de aula, pedir para que registrem o que viram, seria suficiente?

Pode ser um caminho. Essa atividade, no entanto, ainda com resquícios de uma concepção de educação modernista, não permite uma ligação significativa entre a visita a uma exposição e seu desdobramento na sala de aula. A questão é: que saberes podem gerar Eckhout e suas pinturas, o espaço expositivo, o contato singular de cada um provocado pela visita? Que interrogações essa memória pictórica pode nos levar a fazer sobre o Brasil, sobre os brasileiros?

Para buscar desenvolver as potencialidades geradas por uma visita, um bom caminho pode ser pensar em projetos com os alunos para desencadear uma rede de ações significativas. Por isso, planejar cada momento tem sua importância.

Nesse sentido, quando o foco do planejamento está na visita à exposição, qual ação seria mais significativa: levar os alunos, deixando-os vaguear pelo espaço, ou provocá-los com focos de observação, para que o olhar se torne mais atento?

Se há uma preocupação contemporânea com a educação do olhar, a visita pode vir a ser o espaço privilegiado para a construção de um olhar, de uma maneira de olhar, de um olhar que pretende compreender.

Olhar, apreciar, uma imagem pede uma orientação aos olhos, de tal modo que todos os sentidos possam “olhar” e, inversamente, o olhar possa sentir, escu-

tar, tatear, pensar. Nesse trabalho gerador de sentidos e significados, o olhar é cognição, sentimento, consciência.

Convocar esse olhar é uma tarefa de mediação do educador; tarefa de tirar os alunos de uma atitude passiva para colocá-los em atitude ativa, observadora, atenta ao texto visual da imagem.

Para isso, o educador é um perguntador, é aquele que sabe fazer perguntas e levar o olhar a dialogar com a imagem, aguçando a curiosidade e o desejo de olhar o que ainda não foi olhado, instigando uma aptidão interrogativa.

Para perguntar, é importante que o próprio educador tenha feito uma leitura pessoal das imagens, para saber que focos de observação, tal qual uma pauta do olhar, podem provocar um diálogo dos alunos com a imagem, com eles próprios sobre a imagem e com o educador.

Por isso mesmo, cuidadoso, o educador procura não transformar essa listagem num roteiro rígido, como uma sequência de perguntas, tal qual um questionário. Para tanto, ele deve ser um leitor das respostas de seus alunos, acompanhando o percurso do olhar que estão fazendo, identificando como eles olham, sentem, lêem, pensam e interpretam o que vêem.

Projetando expedições

Recolhidas informações, incorporadas atitudes de pesquisa e de amoro-

so cuidado na preparação dos alunos, podemos imaginar potencialidades de projetos.

Encarando a visita à exposição como uma expedição que pode ser realizada no início, no meio ou quase ao final de um projeto, compartilhada com professores de outras áreas do conhecimento ou apenas cercando a sua disciplina, será necessário planejar. Eis uma questão crucial: planejar projetos será determinar as atividades que serão realizadas pelos alunos? Ou planejar projetos é pensar possibilidades e ir caminhando com avaliações constantes, replanejamentos, adequações, tendo como protagonistas também os alunos envolvidos, como parte integrante das decisões a serem tomadas, como co-autores do processo de aprendizagem?

Essa é uma dificuldade enfrentada na elaboração deste material educativo. Como propor algumas idéias, sem engessar e tornar o professor apenas um “executor”? Como oferecer propostas de atividades que se liguem entre si, superando seu entendimento como ações isoladas? Como evidenciar que a arte pode ser uma linguagem estimulante para provocar conhecimentos, tanto dela mesma— enquanto um modo singular do ser humano revelar e comunicar seus sentimentos, sensações e idéias — como também sobre contextos sociais, políticos, culturais, científicos, éticos, etc.? Como trazer o cotidiano para o projeto, para que se possa pensar o

presente e o futuro a partir das pinturas de Eckhout?

Com essas preocupações, adotamos como proposta o trabalho com projetos, devido aos seus fundamentos metodológicos e epistemológicos. Há vários autores que estudam esse modo de ação, visto mais como uma atitude pedagógica do que como uma metodologia. Trabalhar com projetos possibilita uma postura interdisciplinar, ou permite focalizar uma única disciplina com os olhos voltados para o universo humano, dinamizando o ensinar e o aprender, numa perspectiva de trocas, interação e pesquisa, a partir de interesses comuns, opostos ou complementares. Lidar com projetos nos impele, como educadores, a debruçar-nos sobre um objeto de estudo, ampliando as possibilidades de compreendê-lo e interligando-o com a vida na e fora da escola.

Os projetos estão aqui visualizados como roteiros da viagem, e devem ser recriados por cada professor e com cada grupo. São apenas sugestões articuladas, como possíveis trilhas para uma viagem.

As paisagens, a fauna, a flora, os diferentes tipos humanos desvelados por Eckhout instigam múltiplas possibilidades para projetos, mas optamos por selecionar, neste material norteador, três temas centrais:

- Pluralidade das Etnias.
- Encontro das Culturas.
- Celebração da Natureza.

Certamente as obras de Eckhout nos fazem tocar nesses três aspectos, mas podemos escolher um deles para recriá-lo e aprofundá-lo, com nossos parceiros, alunos e outros professores.

Abordaremos cada tema em separado, conscientes de que muito mais poderia estar aqui sugerido. Mantendo uma estrutura próxima, cada tema é uma proposta de planejamento da viagem, uma via de acesso para desenvolver um projeto. Como um referencial de onde parte o projeto, seu percurso não é reto. Há voltas e reviravoltas, que serão ditadas pelo diálogo e pela participação dos alunos. São eles que conduzem a viagem, dando as pistas do que já sabem, do que não sabem e do que gostariam de saber, somadas às pistas do que você sabe que eles precisariam saber.

Esperamos que muitas outras possibilidades de roteiros possam surgir e ser reveladas através da ação educativa dessa exposição.

A cartografia dos roteiros de viagem

Todo roteiro parte de uma localização. Tal qual um cartógrafo, apresentamos a seguir o desenho estrutural que estará presente nas três possíveis viagens/projetos, a partir das obras de Eckhout.

Aquecimento: momento inicial de mapear desejos

Frente à escolha de uma viagem/projeto, pode-se perguntar: Por onde come-

çar? Como gerar interesse para o que pretendemos abordar, de modo a desencadear aprendizagens significativas?

Para cada projeto, como um aquecimento, algumas ações são propostas, objetivando instigar os alunos a fazer parte da viagem, não esquecendo de que a própria visita à exposição pode ser a iniciadora do projeto. Ao mesmo tempo, o objetivo é também gerar uma avaliação diagnóstica inicial sobre o tema escolhido, como um eixo condutor da viagem.

Refletindo sobre a avaliação diagnóstica

O que descobrimos sobre nossos alunos e sobre as potencialidades do tema junto a eles?

Os dados colhidos e registrados através do aquecimento oferecem o perfil do grupo, mapeando possibilidades de caminhos para o desenvolvimento do projeto, gerando idéias para:

Questões problematizadoras

Como uma etapa importante de construção junto aos alunos, as questões levantadas levam à investigação e apontam os objetivos que serão transformados em justificativa e serão indicadores dos conteúdos.

Sistematizando a proposta: a justificativa, os objetivos e os conteúdos do projeto

Costurando a síntese da avaliação diagnóstica com a definição da questão ou das questões problematizadoras, o

momento é de argumentar e fundamentar a importância do que será investigado sobre o tema. Essa reflexão ajudará a elencar os objetivos. Num projeto, os objetivos terão de ser claros e palpáveis, cercando o que se pretende atingir, seja como conteúdos, procedimentos ou atitudes.

Investigando durante a visita à exposição

Como preparar a visita à exposição? Quando ela deverá ser realizada? O que fazer no retorno à sala de aula?

Esse momento poderá acontecer no início, no meio ou próximo ao final do projeto. Na preparação da visita, pode-se conversar sobre as regras de visitação, a conduta adequada no espaço expositivo, a observação de linhas de chão para o necessário distanciamento, esclarecendo o porquê desses cuidados e relacionando-os com a importância da conservação do patrimônio cultural. Mas é preciso ir além.

O termo *visita* e o verbo *visitar* significam primeiro *vista* e *ver*. Acrescente-se aí um percurso: quem visita vai ver, observar, pesquisar. Por isso mesmo, algumas questões são propostas aos alunos, ajudando-os a olhar e a pensar sobre os temas presentes não só nas obras de Eckhout, mas também no próprio modo de expor as obras.

Como eles imaginam que está montada a exposição?

Haverá somente as obras de Eckhout expostas?

Como imaginam o espaço? Que referências eles têm de exposições de artes plásticas? Quais exposições já visitaram?

A partir dessa conversa inicial, é possível levantar prováveis focos para o olhar/corpo, que podem ser norteadores para a discussão, ampliando o tema que estão trabalhando. Esses focos seriam como questões provocadoras para a visita, elaborados pelos alunos como exercício de um olhar mais sensível e atento.

É importante lembrar essas questões no momento inicial da visita, como também os próprios alunos comunicarem ao monitor que os acompanhará sobre os interesses do grupo. Nada impede que outras questões possam surgir ao longo da visita/viagem, seja pelo monitor ou pelos próprios alunos.

E na volta?

O registro individual do encontro com as obras de Eckhout é fundamental para que as impressões possam vir à tona, tornando-se mais conscientes para que possam ser socializadas. Uma atenção especial, por parte do professor, é necessária para que os alunos não reproduzam apenas o que ouviram ou leram. Nessa tarefa, é imprescindível puxar as próprias sensações e impressões, valorizando as opiniões pessoais. A sugestão é que esses registros sejam feitos de diferentes formas: um relatório da visita, uma carta para alguém que ainda não foi ver a exposição, um conto, desenhos, uma his-

tória em quadrinhos, uma história contada sem palavras, etc.

A socialização desses registros pode se dar com a apresentação individual ou em pequenos grupos. Se a classe é numerosa, é interessante propor um primeiro momento de troca em pequenos grupos, para depois socializar as descobertas comuns e os pontos diversos mais interessantes.

Desse material retirado da visita, encerrando-a como uma expedição, é que novos encaminhamentos podem ser propostos. Caso a visita ocorra próxima ao encerramento do projeto, o material colhido poderá encaminhar a finalização.

Encaminhamentos/Proposições Didáticas

Quais as ações para se chegar aos objetivos pretendidos e para tocar os conteúdos, de modo a gerar reais aprendizagens?

São várias as possíveis proposições didáticas que podem ser vividas pelos alunos. Cada uma delas pode ser realizada em momentos diferentes. Não há uma seqüência a ser obedecida. Não é obrigatório iniciar com a leitura de imagens para depois propor ações expressivas ou abordar certos conteúdos ou, ainda, visitar a exposição antes do início das pesquisas. Os encaminhamentos podem ser planejados, mas a seqüência e o modo como serão vividos dependerá de avaliações constantes.

Independentemente dos rumos do projeto, algumas condutas devem ser observadas para as várias propostas:

Para ler em obras de arte: A escolha da imagem ou imagens que comporão os exercícios de leitura deve ser feita para provocar o olhar dos alunos em diversos aspectos. Não será preciso se restringir às obras de Eckhout, incluindo-se também obras de artistas de outros tempos e lugares, fotografias recentes do Recife e de seus habitantes, além das reportagens que saíram nas mídias sobre a exposição. O importante é formular questões que promovam a leitura, que provoquem estranhamentos, ampliando modos de ver, ler e interpretar, estabelecendo relações intertextuais ao fazer leituras comparativas.

Para pesquisar: Orientar propostas de pesquisa em diversas áreas do conhecimento ou com questões delimitadas, com o objetivo de responder à problematização, é um espaço importante. Como pesquisadores, os alunos poderão fazer entrevistas, buscar materiais em livros, sites e grupos de discussão na Internet, catálogos, CDs, visitas a outros museus, filmes e vídeos, além das mídias impressas.

Para produzir: A criação é parte integrante de um projeto. É o espaço da expressão poética pessoal e/ou coletiva, que abre caminhos para a comunicação, a socialização de idéias, sentimentos, sensações e reflexões, interligando a vida aos projetos da escola e ao contato sensível com as pinturas de Eckhout.

Propostas de finalização

Como aglutinar o que foi aprendido durante o projeto? Como mostrar para outras classes o que foi realizado, as descobertas, as produções?

Há diferentes modos de se fechar um projeto, de finalizar um ciclo de aprendizagem. Pode-se criar mesas-redondas, debates e seminários com alunos e professores; jogos e gincanas entre as classes; eventos com as produções dos alunos: exposições (com convite à comunidade, monitoria de alunos, livro de assinaturas, cartaz), mostras de teatro, dança, música, vídeos, etc. (com cartazes, várias apresentações); painéis que contêm as histórias do projetos vividos; grafiteagem nos muros da escola, produção de um livro do grupo, entre muitas outras possibilidades.

Avaliando o projeto vivido

O que aprendemos com o projeto? O que deveria ser repetido em qualquer projeto? O que não foi tão acertado? O que faltou? O que poderíamos ter feito ainda? Como lidamos com o tempo? O projeto, com seus objetivos e conteúdos, foi adequado ao grupo?

A avaliação constante para definir os próprios passos do projeto faz parte de todas as etapas, começando pelo aquecimento e se ampliando nas avaliações dos trabalhos apresentados pelos alunos ao longo do projeto. No entanto, no

encerramento do processo, a avaliação ganha um peso diferenciado.

É preciso estabelecer critérios para avaliar as ações realizadas, o tempo, a dinâmica e a participação de todos, confrontando com os objetivos propostos, as questões problematizadoras, os conteúdos que se esperava trabalhar. A sistematização de todos os conteúdos trabalhados, elencando o que foi aprendido, permite perceber a estrutura e a organização do projeto que foi sendo concretizado durante todo o processo.

É vital também que tanto professores como alunos realizem uma auto-avaliação, para que possam levar em conta o modo como ensinaram e aprenderam e quais as relações construídas na aprendizagem com a vida, com o cotidiano, com a compreensão e com o conhecimento do mundo.

A memória da viagem

Como é possível a articulação de todos esses movimentos em um projeto?

Registrar a viagem pode se tornar um prazer para você e seus alunos. Um diário de bordo individual, ou trabalhado coletivamente, pode contar a história do que foi realizado, incorporando anotações, textos lidos, reportagens, idéias abandonadas, etc. Tal qual um portfólio do artista, as memórias registram desde esboços de idéias até a documentação das produções finais, contribuindo para a construção da avaliação final, pois engloba a somatória dos percursos vividos.

Como partes de um todo que se matiza e é colorido pelas vivências de cada grupo, essa estrutura será rerepresentada a seguir, com as temáticas acima descritas. Como cartógrafo dessa viagem, cabe a você selecionar, ampliar, definir percursos e ações, juntamente com seus parceiros, alunos e professores. Tome essas sugestões apenas como lugares que podem ser visitados, com perspectivas diversas, pois seu grupo e você saberão buscar os pontos de vista mais instigantes.